

INTERIORES · ARQUITETURA · ARTE · DESIGN · INTERIORS · ARCHITECTURE · ART · DESIGN

Ritmo Rhythm

Angola

ARCHITECTURE
COSTA LOPES ARQ.

DESIGN
PAULO LOBO
MUAMBY WASSAKY

ART
ANTÓNIO OLE
MESTRE KAPELA

RELAX IN PUBLIC
OON,DAH
ELINGA TEATRO

SPECIAL REPORT
ESPACE LOUIS VUITTON
FLEXFORM
OMATAPALO
PLAZA RESIDENCE

Tradição e Humilhação

Tradition and Humiliation

Pedro Sequeira

www.pedrosequeira.info

mail@pedrosequeira.info

Da esquerda para a direita:

Peças de Pedro Sequeira

Sem título (futebol), 2008,
Alfinete - têxtil, cor; God is perverse,
2012, Alfinete - cimento; Sem título,
2010, Alfinete - silicone, borracha, nylon;
Correntes e medalhões-série 1, 2003,
Corrente - CLC sobre papel 80 gr.

From left to right:

Pieces of Pedro Sequeira

Untitled (football), 2008, Needle - textile,
colour; God is perverse,
2012, Needle - cement; Untitled, 2010,
Needle - silicon, rubber, nylon; Chains
and medallions - series 1, 2003, Chain -
CLC on 80 gr paper.



A jóia traduz desde cedo, no longo caminho da sua existência, uma dualidade, afável e perturbadora, que acompanha os percursos do Homem. O olhar deste sobre o que no mundo considero belo e raro, o trazer a si algo que o motiva e anima o seu espírito e simultaneamente o distingue como indivíduo, quando portador de um qualquer item que ele tornou simbólico, delega nesse objecto uma carga igualmente carregada de sentidos divergentes: por um lado cultivar a sensibilidade e o desejo pelo raro e misterioso, por outro subverter esse primeiro encontro, corrompendo-o, para dar lugar a outra intenção, a de perverter o sensível, o indizível e inaudível, em favor da predisposição para sentidos ou códigos simbólicos.

O tempo liberta o objecto dessa condição devolvendo-lhe a forma, a composição, a matéria na relação causa - efeito da distância. O objecto jóia sobrevive, ao longo da História, não por mão da mulher, embora no seu corpo, mas por mão do Homem, para si, como objecto adorno e funcional na condição de estabelecer relações políticas com o outro como o são as armas ou outros objectos nominativos e, para a mulher como extensão da imagem do Homem, relação igualmente política: o status social e a promoção de valores estéticos que definissem uma época, geração ou força. A jóia cumpria assim um papel social, codificador. Na impossibilidade de se afirmar e condicionar da ao papel que o Homem lhe atribuiu durante milénios, a mulher cumpriu um papel de reflexo do Homem, do marido ou do poder, somando o poder masculino. A figura feminina não teve um papel decisor na evolução das formas e da compreensão da joalheria, ela foi usufruidora de uma condição, de uma imposição. A contemporaneidade trouxe a emancipação, quer o papel activo da mulher e grupos minoritários, quer também a esta disciplina que, a partir da aliança com as artes visuais a libertou dessas funções protocolares, dirigindo-a para a liberdade de expressão, devolvendo-lhe o mistério, a beleza, a crítica, a poesia, afastadas de um cumprir de função e contexto restritos. A mulher é hoje decisora, participativa e reivindicativa da sua natureza, necessariamente diferente da natureza do homem como a apresenta Rilke¹, mais humana e emotiva.

Tradicionalmente uma profissão de homens é, na contemporaneidade absorvida por um maior número de mulheres, falando estritamente no campo artístico e talvez seja este contributo da mulher importante para a constante renovação das relações entre conteúdos emotivos e este campo.

Hoje, pensar joalheria é um exercício complexo que exige, mais que um conhecimento técnico e de composição, colocar esta disciplina no seio da prática artística, compreendendo-a como participativa no campo das artes visuais embora exista hoje, ainda, a resistência a incluir joalheria como par, por exemplo na aplicação dos Prémios EDP (ver regulamento 2013). Contrapondo esta tendência é curioso verificar que a primeira vencedora desse prémio iniciou-se nas artes visuais por esta via e, não menos importante, teríamos que negligenciar propostas que hoje estão inscritas na arte contemporânea. Não obstante, o fenómeno é hoje muito lato e podemos ver joalheria nos museus de etnografia e arte

contemporânea, nas ourivesarias e feiras de artesanato, nas lojas de museus, nas faculdades e nos cursos técnicos, em feiras de design, nas lojas de bijuterias chinesas, em publicações teóricas, revistas de moda, etc. Aqui todos partilhamos o metiê e a sapiência, distinguimo-nos embora nesta grande variedade de manifestações que, pessoalmente considero como um todo, desde o Plastic jewellery set da loja chinesa à Cartier, da joalheria de Calder às extensões de corpo de Rebecca Horn nos anos 70, embora nem a autora nem as historiografias de arte referenciem esses objectos como joalheria. Digamos que tudo interage e se relaciona e que, no limite do tempo em que vivemos, considere todas as manifestações anteriores e contemporâneas para ponderar o que é relevante, que permita avançar com propostas que alarguem esta disciplina para um plano onde a subjectividade individual transpire as preocupações e atenções do indivíduo como pensador, fazedor, criador. ■

¹ R. Rainer Maria, "Cartas a um jovem poeta", p. 63. Edições QuasWi

* O autor deste artigo optou por não aderir ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

From the very beginning, jewels have expressed, over the long course of their existence, a duality, both appealing and disturbing, that has accompanied Mankind's progress. Man's perspective of those worldly things that can be considered beautiful and rare, surrounding himself with the things that provide motivation and animate his soul and which simultaneously distinguish him as an individual, when bearing some kind of item that he has invested with symbolism, imbues this same object with a meaning similarly loaded with paradoxical feelings: on the one hand, to cultivate our sensibility towards and our desire for what is rare and mysterious, while on the other, subverting this initial encounter, corrupting it, so as to give way to another intention, that of perverting the sensitive, the unspeakable and inaudible, in favour of a predisposition towards symbolic meanings or codes. Time then liberates the object from this condition, restoring its shape, composition and material in the relationship of cause and effect over distance.

The jewel as object survives, over the course of history, not by the skill of the female hand, despite adorning her body, but by the skill of Man, for him, as an object of adornment and functional in its condition of establishing political relationships with others, just like weapons or other nominative objects and, for women as an extension of the image of Man, an equally political relationship: the social status and the promotion of aesthetic values that define an epoch, generation or power. Thus, jewels fulfilled a social, codifying role. Confronted by the impossibility of affirming herself and being conditioned by the role attributed to her by Man over millennia, women have fulfilled a role that reflects Man, their husbands or power, adding to masculine power. The feminine figure has not had a decisive bearing on the evolution of the shapes or in the understanding of jewellery, rather she has been able to enjoy and appreciate a condition, an imposition.

Contemporary life has brought emancipation with it, be it in the active role of women and minority groups, be it in this discipline that, as a result of an alliance with the visual arts, has liberated it from these protocols and functions, guiding women towards the freedom of expression, restoring their mystery, beauty, critical capacity, poetry, distancing them from the need to fulfil a restricted function and context. Women today plays a decisive, participative and demanding role in their own nature, which is unavoidably distinct from man's nature as presented by Rilke¹, being more human and emotive. Traditionally a male profession is, in contemporary society absorbed by a greater number of women, speaking more specifically of the artistic sphere, and this is possibly the most important contribution of women to the constant renovation of the relationships between emotive content and this sphere.

Nowadays, approaching jewellery is a complex exercise that requires, not just technical and compositional skills; discipline is placed at the heart of artistic practice, perceiving it as a part of the realm of visual arts, despite the fact, that even now, there is still reluctance to include jewellery as an equal, for example, in the award of the EDP prizes (see regulation 2013). Countering this trend it is curious when we discover that the first winner of this award was initiated in the visual arts through jewellery and, no less important, we would have to reject proposals which are today considered contemporary art. Even so, the phenomenon is nowadays so broadly defined that we can find jewellery in ethnographical and contemporary

art museums, in jewellers and craft fairs, in museum shops, in universities and as technical courses, in design fairs, in cheap Chinese jewellery shops, in theoretical publications, fashion magazines, etc. As such, we all share in this metier and knowledge, defining ourselves although through this broad range and variety of manifestations that, I personally, consider to be a whole, from the Plastic jewellery sets in Chinese shops to Cartier, from jewellery by Calder to Rebecca Horn's body extensions in the 1970s, despite the fact that neither the author nor Histories of Art refer to these objects as jewellery.

Let's say that everything interacts and is related and that, on the cusp of this time in which we live, we consider all the previous and contemporary manifestations of jewellery in order to ponder what might be relevant, thus allowing us to forge ahead with proposals that broaden this discipline and elevate it to a plane where individual subjectivity expresses the preoccupations and attention of individuals as thinkers, doers, creators. ■

¹ R. Rainer Maria, "Cartas a um jovem poeta", p. 63. Edições QuasWi